

A VIOLÊNCIA NA SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA

Octavio IANNI¹

A Cultura da Violência

As sociedades nacionais contemporâneas e a sociedade global em formação na passagem do século XX ao século XXI tornaram-se um vasto cenário de violência. São muitas as formas de violência, antigas e recentes, conhecidas e desconhecidas, que se manifestam nessas sociedades. Desde o seqüestro e o narcotráfico à violência urbana e ao terrorismo de Estado, desde os conflitos étnicos e religiosos à "destruição criativa", são muitas as formas de violência que se manifestam nas sociedades contemporâneas. Cabe, pois, conhecer melhor essa realidade, em suas implicações práticas e teóricas. Cabe inclusive desvendar o que há de "nacional" e "mundial" nessas manifestações, povoando a vida e o imaginário de indivíduos e coletividades, em todo o mundo. Cabe esclarecer se a trama das relações sociais e os jogos das forças político-econômicas, conforme se desenvolvem nas sociedades contemporâneas, são também uma fábrica de violência. Trata-se de refletir sobre a hipótese de que há algo na fábrica da sociedade moderna, do que se poderia denominar de modernidade, que leva consigo formas, técnicas e práticas cada vez mais brutais de violência, desde as mais prosaicas às mais sofisticadas.

São muitos os que padecem a violência no curso do século XX e primórdios do século XXI. Muitos são os que reconhecem que as formas e as técnicas de violência nessa época estão adquirindo características novas, insuspeitadas e crescentemente brutais. É como se, de repente, uns e outros, em todas as partes do mundo,

¹Professor aposentado da Universidade de São Paulo-USP e Universidade Estadual de Campinas-UNICAMP.

se dessem conta de que o "Progresso", a "Civilização", a "Sociedade Informática", o "Mundo Sem Fronteiras", a "Aldeia Global" e a "Terra-Pátria" fossem simplesmente metáforas enganosas, com as quais se encobrem desigualdades e brutalidades cotidianas e inimagináveis. É evidente, para todos, em todo o mundo, que o curso da história no século XX, entrando pelo século XXI, é um curso de realizações científicas e tecnológicas excepcionais, de par-em-par às formas e técnicas inimagináveis de violência social, desdobrando-se em práticas políticas, econômicas, culturais, étnicas, religiosas e outras.

Não se trata de simplificar a problemática da violência, como se ela coubesse no conceito, idéia ou interpretação. Vista em toda a sua complexidade, em suas múltiplas manifestações coletivas e individuais, históricas e psicológicas, objetivas e subjetivas, é evidente que a violência é um acontecimento excepcional que transborda das várias ciências sociais; revela dimensões insuspeitadas da realidade social, ou da história, em suas implicações político-econômicas, sócio-culturais, objetivas e subjetivas. A fúria do tirano, o terrorismo de Estado, a guerra, o massacre, o escravismo, o racismo, o fundamentalismo, o tribalismo, o nazismo, sempre envolvem alegações racionais, humanitárias, ideais, ao mesmo tempo que se exercem em formas e técnicas brutais, irracionais, enlouquecidas. Em geral, a fúria da violência tem algo a ver com a destruição do "outro", "diferente", "estranho", com o que busca a purificação da sociedade, o exorcismo de dilemas difíceis, a sublimação do absurdo embutido nas formas da sociabilidade e nos jogos das forças sociais.

Sob vários aspectos, a violência é um evento heurístico de excepcional significação. Revela o visível e o invisível, o objetivo e o subjetivo, no que se refere ao social, econômico, político e cultural, compreendendo o individual e o coletivo, a biografia e a história. Desdobra-se pervasivamente pelos poros da sociedade e do indivíduo. É um evento heurístico de excepcional significação, porque modifica as suas formas e técnicas, razões e convicções de conformidade com as configurações e os movimentos da sociedade,

em escala nacional e mundial. Explicita nexos insondáveis da subjetividade de agentes e vítimas, em suas ilusões e obsessões, ao mesmo tempo que explicita modalidades inimagináveis e verdadeiros paroxismos de processos e estruturas de dominação e subordinação. Revela a alucinação escondida na alienação de indivíduos e coletividades. Nasce como técnica de poder, exercita-se também como modo de preservar, ampliar ou conquistar a propriedade, adquire desdobramentos psicológicos surpreendentes no que se refere aos agentes e às vítimas. Entra como elemento importante da cultura política com a qual se ordenam, modificam ou transformam as relações entre os donos do poder e os setores sociais subalternos, os governantes e a população, as elites e as massas. Sob vários aspectos, os atos de violência revelam aspectos recônditos, insuspeitados e fundamentais de como se formam e transformam os jogos das forças sociais, as tramas das formas de sociabilidade, levando indivíduos e coletividades como em um vendaval em fúria.

O Mundo Moderno e a Violência

Esta é uma história que já tem vários séculos de duração. No curso dos tempos modernos, desde o descobrimento e a conquista do Novo Mundo, são muitas, novas e renovadas as formas e as técnicas de violência que entram direta e indiretamente no jogo das forças sociais e na dinâmica das formas de sociabilidade que se desenvolvem com o capitalismo, visto como modo de produção e processo civilizatório.

Se deixarmos de lado o que ocorria na Idade Média e na Antigüidade, nas diversas e riquíssimas civilizações desenvolvidas no Mediterrâneo, África, Ásia e América, desde os maias aos bantus, dos chineses e hindus aos egípcios e babilônios, entre outros, talvez se possa dizer que no curso do Mundo Moderno as formas e as técnicas de violência adquirem não só outros alcances e características como novas manifestações e modulações, individuais e coletivas, materiais e espirituais. Estão profundamente marcadas

pelas relações, processos e estruturas de dominação política, e apropriação econômica próprios do Capitalismo, visto como modo de produção e processo civilizatório.

A história do Mundo Moderno, desde o descobrimento e a conquista do Novo Mundo, compreendendo também a colonização da África, Ásia e Oceania, é uma história dos mais prosaicos e sofisticados meios e modos de violência, com os quais se forja e se mutila a modernidade. À medida que se desenvolvem a ciência e a técnica, em seus usos crescentemente político-econômicos e sócio-culturais, desenvolvem-se as formas e as técnicas de violência. À medida que se desenvolvem as forças produtivas e as relações de produção próprias do capitalismo, desenvolvem-se as diversidades e as desigualdades, as formas de alienação, as técnicas de dominação e as lutas pela emancipação. Aprofundam-se, generalizam-se e multiplicam-se as contradições sociais. No mesmo curso das lutas e conquistas polarizadas pela democracia e pela cidadania, desenvolvem-se as técnicas de repressão e as formas de tirania. No mesmo curso das lutas e conquistas pelo Socialismo e Comunismo, desenvolvem-se os experimentos do Fascismo e do Nazismo. São muitas as polarizações e combinações de processos e estruturas político-econômicos e sócio-culturais com os quais se desenvolve e mutila a modernidade-nação, ou primeira modernidade, e a modernidade-mundo, ou segunda modernidade.

Esta é a idéia: O Mercantilismo, o Colonialismo, o Imperialismo e o Globalismo podem ser vistos inclusive como processos histórico-sociais, ou geo-históricos, nos quais florescem e reflorescem as mais diversas formas e técnicas de violência. São formas e técnicas de violência que atingem indivíduos e coletividades, povos e nações, tribos e reinos. Essa é uma história de diásporas e de holocaustos das mais diversas proporções, envolvendo indivíduos e coletividades, em todas as partes do mundo. Desde o massacre da "Noite Triste", comandado por Cortez nos inícios do século XVI, até o massacre realizado na Praça de Tlatelolco, induzido pela diplomacia total norte-americana da Guerra Fria em 1968; desde os primórdios da escravização de povos nativos do Novo Mundo, da África, Ásia e

Oceania, passando pelas diásporas e holocaustos desses nativos; desde as armas de fogo utilizadas pelos conquistadores e colonizadores em continentes, ilhas e arquipélagos; desde os campos de concentração que proliferaram no século XX às bombas atômicas atiradas em Hiroshima e Nagasaki; desde as mais diversas operações de terrorismo de Estado às mais surpreendentes manifestações de violência urbana em curso nos primórdios do século XXI; desde essas e muitas outras formas, técnicas e práticas de violência que povoam a história do Mundo Moderno, isto é, da modernidade-nação e da modernidade-mundo, pode-se afirmar que o Mercantilismo, o Colonialismo, o Imperialismo e o Globalismo, nos quais se inserem o nacionalismo e o tribalismo, compreendem simultaneamente as mais surpreendentes modalidades de violência.

É difícil, talvez impossível, dizer que um século é mais violento do que outro. Uma comparação apressada pode dar essa impressão. Para que se possa avaliar os potenciais e as realizações da violência em cada século, época ou configuração histórica, seria indispensável esclarecer quais as formas de sociabilidade e os jogos de forças sociais que prevalecem em cada caso. Daí a importância de se reconhecer que o Colonialismo, o Imperialismo e o Globalismo, compreendendo sempre nacionalismo e tribalismo, são distintos processos histórico-sociais, com as suas formas de sociabilidade e os seus jogos de forças sociais peculiares.

Ocorre que os jogos das forças sociais e as formas de sociabilidade sintetizam o modo pelo qual a fábrica da sociedade, ou a máquina do mundo, produz e reproduz o progresso e o retrocesso, a evolução e a decadência, o florescimento e a distorção, a alienação e a mutilação. Nesse sentido é que é válido reconhecer que cada século, época ou configuração histórico-social se caracteriza por formas e técnicas de violência enraizadas e jogos de forças sociais e tramas de sociabilidade.

A violência parece algo intrínseco ao modo pelo qual se organiza e se desenvolve a sociedade moderna, seja ela nacional ou mundial. Os mesmos processos, estruturas, hierarquias e instituições com os quais ela se forma e se transforma, constituindo

Estudos de Sociologia

o "progresso" e a "decadência", a "riqueza" e a "pobreza", a "alienação" e a "alucinação", fermentam a violência.

O verdadeiro fundador da sociedade civil foi o primeiro que, tendo cercado um terreno, lembrou-se de dizer isto é meu e encontrou pessoas suficientemente simples para acreditá-lo. Quantos crimes, guerras, assassínios, misérias e horrores não pouparia ao gênero humano aquele que, arrancando as estacas ou enchendo o fosso, tivesse gritado a seus semelhantes: Defendei-vos de ouvir esse impostor; estareis perdidos se esquecerdes que os frutos são de todos e que a terra não pertence a ninguém! (ROUSSEAU, 1985)

Sob vários aspectos, o princípio e a prática da propriedade privada fundam as várias formas de organização social e técnica do trabalho e da produção, ou da produção, troca e consumo. Assim se desenvolve a dependência recíproca de uns e outros, vendedores e compradores de força de trabalho, proprietários de meios de produção e trabalhadores, envolvendo sempre diversidades e desigualdades, hierarquias e estruturas de dominação, formas de apropriação e de alienação.

Um elemento intrínseco dessa história, desse modo de organização social do trabalho e da produção, é a crescente incorporação de técnicas sempre novas de trabalho e produção. As tecnologias mecânicas, elétricas e eletrônicas, tanto quanto as das ciências sociais, habitualmente são mobilizadas para dinamizar, intensificar e generalizar a capacidade produtiva da força de trabalho, propiciando a reprodução ampliada do capital, favorecendo a concentração e a centralização do capital, no sentido de que este se reinveste continuamente ao mesmo tempo que se associa com outros ou os absorve também continuamente, em escala nacional e mundial. Assim, a mesma dinâmica com a qual se forma e transforma a sociedade moderna, burguesa ou capitalista dinamiza o progresso e

a decadência, a concentração da riqueza e a pauperização, a alienação e a alucinação.

A violência está presente e evidente, escondida e latente, em muitos lugares, nos mais diversos setores da vida social, envolvendo indivíduos e coletividades, objetividades e subjetividades. É um fenômeno eminentemente histórico, no sentido de que se constitui no curso dos modos de organização social e técnica do trabalho e da produção, das formas de sociabilidade e dos jogos de forças sociais. Pode atingir um indivíduo isolado ou uma coletividade inteira, selecionar uns e esquecer outros. Possui conotação político-econômica e sócio-cultural, podendo ser principalmente ideológica ou principalmente física. Atinge não somente as idéias, as gentes e as coisas, mas também a natureza. Há toda uma longa história de violência contra a natureza, de permeio à história do Mundo Moderno (CROSBY, 1993; MORIN & KERN, 1991; PONTING, 1991).

Esta é também uma história de violências contra a natureza, a terra, a água, o ar, a camada de ozônio, o ciclo das estações, o modo pelo qual indivíduos e coletividades relacionam-se com o meio-ambiente, a ecologia. As formas de organização social e técnica do trabalho e da produção, envolvendo a criação dos meios de subsistência e outras mercadorias, têm sido também formas de exploração dos recursos naturais. Como objeto e meio de produção, a natureza tem sido principalmente explorada, agredida, espoliada. Apesar das conquistas da ciência e técnica, permitindo repor, preservar ou mesmo aprimorar os recursos e as potencialidades da natureza, o que tem acontecido, no longo dos tempos modernos, é principalmente a exploração e a mutilação; de tal modo que se modificam a intensidade e as direções dos ventos, o regime das águas, o ciclo das estações e produzem-se desertificações. Sob vários aspectos, a história do Colonialismo, do Imperialismo e do Globalismo pode ser vista inclusive como uma história de vários processos geo-históricos de amplas proporções, por meio dos quais os indivíduos e as coletividades, por suas diferentes formas de organização social e técnica do trabalho e da produção, desenvolvem o contraponto sociedade e natureza, sendo que tudo isso adquire

uma intensidade ainda maior no curso das guerras. Desde as minas terrestres às minas submarinas, desde os bombardeios aéreos às bombas atômicas atiradas em Hiroshima e Nagasaki, são excepcionais e muitas vezes totalmente irreversíveis as mutilações de que padece a natureza, o que torna a cultura da violência ainda mais complexa.

No século XX e nos primórdios do século XXI são realmente notáveis e surpreendentes as formas e as técnicas de violência produzidas e reproduzidas na fábrica da sociedade, na máquina do mundo. Vale a pena examinar algumas das manifestações e características da violência nessa época. Podem ser formas e técnicas novas e recriadas, óbvias e surpreendentes, prosaicas e sofisticadas, com as quais se podem observar melhor as complexidades e contradições do "Progresso", "Civilização", "Modernidade", "Sociedade Informática", "Mundo Sem Fronteiras", "Aldeia Global", "Terra-Pátria" e outros conceitos ou metáforas com os quais se taquigrafam a História.

Os Desastres da Guerra

Em primeira aproximação, visto em perspectiva panorâmica, tomado como uma multidão de acontecimentos conexos e desconexos, simultaneamente político-econômicos e sócio-culturais, é fácil dizer que o século XX é um século de guerras mundiais, atravessadas por revoluções e contra-revoluções, quarteladas e golpes de Estado, terrorismos de Estado e massacres. São formas, técnicas e práticas de violência envolvendo indivíduos e coletividades, classes sociais e grupos sociais, minorias étnicas e gêneros, xenofobias e fundamentalismos.

É possível afirmar que o século XX é um século atravessado por uma guerra civil transnacional, fermentada por dentro e por fora das guerras mundiais. Desde o início da Primeira Grande Guerra Mundial (1914-18), passando pela Segunda Grande Guerra Mundial (1939-45) e a Guerra Fria (1946-85), esta também mundial,

desenvolve-se pelo mundo afora uma guerra civil mundial na qual envolvem-se elites e massas, classes sociais e grupos sociais, estes compreendendo etnias, gêneros, religiões e línguas. Aí localizam-se a Guerra dos Boers (1899-1902); a insurreição anti-colonial nas Filipinas (1899-1905); a revolução nacional e social na China (1911-49); a Revolução Soviética (1917); a Guerra Civil Espanhola (1936-39); a revolução nacional e social no Vietnã, as revoluções e guerras de descolonização na África, Ásia, Oceania e remanescentes coloniais no Caribe, a revolução nacional e social em Cuba (1959); a desagregação dos estados nacionais na Tchecoslovaquia, União Soviética e Iugoslávia; a guerra nacional, tribal, étnica e religiosa no Oriente Médio, e muitas outras revoltas, revoluções, contra-revoluções, quarteladas e golpes de Estado sempre acompanhados de massacres e diásporas de várias gradações e em diferentes direções, atravessando continentes, ilhas e arquipélagos e redesenhando o mapa do mundo.

Visto assim, em perspectiva ampla, ainda que em forma breve, o século XX revela-se um século no qual exercitam-se novas e antigas formas, técnicas e práticas de violência. E a violência como componente constitutivo da fábrica da sociedade nos tempos modernos, sempre envolvendo os jogos das forças sociais e a dinâmica das formas de sociabilidade (BARRACLOUGH, 1976; HOBBSAWM, 1995; KOLKO, 1994; MESSENGER, 1995).

A rigor, cada guerra inventa outros e novos desastres, além dos que repete, reitera, aperfeiçoa. Na medida em que em cada guerra se mobilizam meios e fins, armas e equipamentos, tecnologias e ideologias, assim também cada guerra inventa e reinventa práticas. São as mais diversas manifestações de violência, contra coisas, gentes e idéias, a fauna e a flora, a terra, a água e o ar. É como se tudo fosse repentinamente infectado por dias, meses, anos ou mesmo séculos. Este pode ser o caso das bombas atômicas atiradas em Hiroshima e Nagasaki, e de outras, muitas bombas atômicas que ameaçam vilas e cidades, indivíduos e coletividades, povos e nações, culturas e civilizações.

A ROSA DE HIROSHIMA (Moraes, 1975)

Pensem nas crianças
Mudas telepáticas
Pensem nas meninas
Cegas inexatas
Pensem nas mulheres
Rotas alteradas
Pensem nas feridas
Como rosas cálidas
Mas oh não se esqueçam
Da rosa da rosa
Da rosa de Hiroshima
A rosa hereditária
A rosa radioativa
Estúpida e inválida
A rosa com cirrose
A anti-rosa atômica
Sem cor sem perfume
Sem rosa sem nada.

Os "Desastres da Guerra" estão nos desenhos de Goya, registrando cenas da ocupação da Península Ibérica pelas tropas napoleônicas, registrando a resistência da população face à ocupação. Nesses desenhos registram-se a prática da violência resultante de decisões tomadas lá longe; também a prática da violência errática, anárquica, fúria de erupções brutais, enlouquecidas; umas e outras levando militares e populares, agentes e vítimas, como em um terremoto avassalador, desolador. Estavam metidos em operações deflagradas pela Revolução Francesa e pela Revolução Industrial Inglesa, envolvendo indivíduos e coletividades, povos e nações, em todo o mundo, ainda que em diferentes gradações; envolvendo a Inglaterra como potência mundial emergente, cuja configuração geopolítica, simultaneamente geo-histórica, institui parâmetros da paz e da guerra, tanto quanto da

revolução e da contra-revolução. Estava em curso uma ruptura histórica de amplas proporções, debilitando as monarquias espanhola e portuguesa, conhecidas como monarquias universais, e criando mais algumas condições para a descolonização da maior parte das colônias do Novo Mundo. Assim se iniciam as novas metamorfoses do Novo Mundo em Anglo-América, Latino-América, Indo-América, Afro-América, Hemisfério Ocidental, Nuestra América e outros cenários de guerras e revoluções, contra-revoluções e golpes de Estado, quarteladas e massacres (BOZAL, 1994).

Em outros termos, em outra época, os desastres da guerra estão nítidos e impressionantes no mural "Guernica", de Pablo Picasso. Aí se captam as fragmentações, distorções e gritos lancinantes dos que padecem o bombardeio aéreo. Quando se inicia a Guerra Civil Espanhola, inicia-se a Segunda Grande Guerra Mundial. Teria sido um "prelúdio", porque realmente se desdobra na Guerra, ao mesmo tempo que serve de ensaio geral de formas, técnicas e práticas de outros e novos desastres da guerra. Assim se desenvolve e se generaliza ainda mais a guerra civil mundial, sempre presente, explícita ou subjacente às guerras de impérios e nações, às revoluções e contra-revoluções, tudo isso conformando um vasto e alucinante panorama do século XX.

Sob vários aspectos, Guernica é um símbolo excepcionalmente expressivo e terrificante do que têm sido os desdobramentos da violência no século XX. Com a destruição dessa pequena cidade, inauguram-se os bombardeios aéreos destinados a atingir populações civis pelo mundo afora e prenuncia-se o que será a apoteose atômica em Hiroshima, com a qual o imperialismo norte-americano inaugura a Guerra Fria, que se desdobra como contra-revolução mundial orquestrada pela diplomacia total norte-americana.

Este é indiscutivelmente o caso do bombardeio de Guernica, cidade que carecia de importância estratégica, cuja destruição, portanto, não trazia nenhuma vantagem militar, em termos propriamente operativos. Mas foi pre-

Estudos de Sociologia

cisamente esta estratégia militar de utilizar objetivos não militares, calculando sua rentabilidade indireta, que se inaugurou com o bombardeio da população civil de Guernica pela primeira vez o que desde então acabaria tornando-se uma tática tristemente comum, em termos do que tem sido chamado guerra psicológica, a que produz essa surpresa traumática que surge diante do desconhecido aterrador, ante aquilo que não pode ser ainda assimilado racionalmente. (SERRALLER, 1985, p. 35)

Em muitos casos, a violência adquire os refinamentos mais sofisticados possíveis, baseados na razão instrumental, traduzindo-se em técnicas de controle, administração, produção, alienação, brutalização. O corporativismo, falangismo, estalinismo, fascismo, nazismo e macartismo, entre outras políticas postas em prática no século XX, buscam muitas vezes na ciência e na técnica, isto é, em sofisticados argumentos da razão, os fundamentos de suas formas, técnicas e práticas de violência material e ideológica, física e espiritual.

Nisto o nazismo alcançou extremos excepcionais, paroxísticos. Revelou-se um regime político-econômico e sócio-cultural "científico", como se fosse a plena realização da razão instrumental. Alcançou paroxismos excepcionais, pela brutalidade física e espiritual, pela sofisticação intelectual dos argumentos e convencimentos. Chegou a ser invejado por governos e elites políticas, empresariais, intelectuais e religiosas em muitas nações; sendo que alguns desses governos e algumas dessas elites foram forçados, ou descobriram, que se estavam entusiasmando com o terror, a loucura, o paroxismo a que havia chegado a cultura política da violência na sociedade moderna, burguesa, capitalista.

Não há dúvida de que o projeto fundamental do nacional-socialismo tinha uma racionalidade própria: o impulso para o Leste (velho sonho alemão), o

sufocamento do movimento operário, a hegemonia sobre a Europa continental, a aniquilação do bolchevismo e o judaísmo, que Hitler simplisticamente identificava, a repartição do poder mundial com a Inglaterra e os Estados Unidos, a apoteose da raça germânica com a eliminação "espartana" dos doentes mentais e das bocas inúteis: todos esses pontos compatibilizavam-se entre si e podiam ser deduzidos de alguns poucos postulados já expostos com inegável clareza em *Mein Kampf*. Arrogância e radicalismo, *kybris* e *Grundlichkeit*; lógica insolente, não loucura. Odiosos, mas não loucos, eram também os meios previstos para obter os fins: desencadear agressões militares ou guerras desapiedadas, alimentar quintas-colunas internas, transferir populações inteiras ou subjugar-las, ou esterilizá-las, ou exterminá-las. (LEVI, 1990, p. 63-4)

Esta é uma tese surpreendente, incômoda para muitos, porque altamente reveladora, contundente: o nazismo pode ser visto como um desenvolvimento excepcional da razão instrumental, da racionalização que se desenvolve com o capitalismo, racionalização que se enraíza na fábrica e na cidade, no aparelho estatal e no direito, no mercado e na calculabilidade; ou na lógica do capital.

Há mais do que uma conexão inteiramente fortuita entre a tecnologia aplicada na linha de produção em massa, com sua visão de abundância material universal, e a tecnologia aplicada no campo de concentração, com sua visão da morte em profusão. Podemos querer negar a conexão, mas o fato é que Buchenwald é tão ocidental quanto o Rio Rouge de Detroit - não podemos desprezar Buchenwald como mera aberração casual em um mundo ocidental essencialmente sadio. (STILLMAN & PFAFF, 1964; p. 30-1; apud BAUMAN, 1998, p. 27)

Estudos de Sociologia

Note-se, no entanto, que a sofisticação das formas, técnicas e práticas do nazismo tornaram-se parte importante e intrínseca da cultura da violência no mundo. O "esquadrão da morte", o "comando de caça aos comunistas" ou CCC, o "mano-blanca", o terrorismo de Estado, o fundamentalismo ideológico do ocidentalismo europeu e norte-americano, o fundamentalismo religioso do catolicismo, do protestantismo e do islamismo, a xenofobia, o etnicismo e o racismo, entre outras manifestações comuns e correntes na transição do século XX ao XXI, são muitas as formas, técnicas e práticas da violência que reiteram, generalizam e "secularizam" a cultura nazista da violência. Muito do que já estava presente no bonapartismo, bismarckismo e tzarismo, tanto quanto no colonialismo e imperialismo, muito disso tudo adquire outros e novos refinamentos com o nazismo que se reitera, se difunde e se seculariza no âmbito do globalismo, à sombra do neoliberalismo.

A ironia, a cruel ironia da história, é que os campos de guerra podem tornar-se objeto de curiosidade, da busca de conhecimentos sobre o que houve e o que não houve nos campos de batalha; quem eram as vítimas e quais foram os heróis; os monumentos que se tornaram ruínas; as ruínas que se reergueram; as ruínas que se preservam, abandonadas, esquecidas, escondidas; as ruínas que lembram e relembram, cultivam fetichizadas. Isto significa curiosidade e busca de conhecimentos, assim como entretenimentos, excursões, viagens, turismo. Aos poucos, o que foi a violência da guerra, a tragédia para indivíduos e coletividades, pode tornar-se objeto de curiosidade, excentricidade, exotismo. Já são muitas as excursões que se fazem aos teatros de guerra, aos campos de batalha, aos escombros, às ruínas e aos museus, com os quais se realiza a metamorfose dos desastres da guerra em cenários de entretenimento, mesclando informação e consumismo (KRAUS, 1996, p. 157-61).

A Destruição Criativa

O capitalismo pode ser visto como um vasto, complexo e sempre expansivo processo histórico-social. Nasce e transforma-

se com os tempos modernos, compreendendo o mercantilismo, o colonialismo, o imperialismo e o globalismo, nos quais se inserem nacionalismo e tribalismo. Pode ser definido como um modo de produção e processo civilizatório, pelas contínuas e reiteradas mudanças que provoca em outros modos de produção e civilizações. Caracteriza-se pelo desenvolvimento intensivo e extensivo das "forças produtivas", isto é, capital, tecnologia, força de trabalho, divisão do trabalho social, planejamento e violência, simultaneamente ao desenvolvimento das "relações de produção", compreendendo os princípios jurídico-políticos da liberdade, igualdade e propriedade, organizando contratos, codificados em instituições tais como a empresa, a corporação e o conglomerado, o mercado e o Estado, bem como em outros institutos codificados em termos jurídico-políticos, dentre os quais estão aqueles relativos ao ensino, saúde, previdência, trabalho, sindicato, partido e outros.

Cabe ressaltar, no entanto, que o capitalismo é um vasto, complexo e sempre expansivo processo político-econômico e sócio-cultural que leva consigo a vocação de produzir e reproduzir, criar e recriar, inovar e substituir, engendrar e destruir. Há como que uma voragem persistente, contínua e insistente no âmago desse processo, de tal modo que para expandir-se e renovar-se está sempre a destruir. Dada a competição entre as corporações, a despeito dos monopólios e das as pressões dos assalariados em geral por melhores condições de vida e trabalho, a empresa, a corporação e o conglomerado são levados a produzir continuamente novas mercadorias e a inovar continuamente as suas tecnologias de trabalho, produção e comercialização. Daí a originalidade de um conceito que expressa essa "vocação" do capitalismo: destruir para criar; inovar obsoletizando mercadorias e tecnologias, substituir o capital constante instalado por outro e novo capital constante. Esse e o percurso da reprodução ampliada do capital, da busca do lucro, da produção de mais-valia, envolvendo contínua e reiteradamente a concentração e a centralização crescente de capitais. Essa a singular voragem que muitos economistas, empresários, técnicos, consultores, assessores, membros de *think tanks*, *lobbings*,

ideólogos e outros tomam como fundamental para explicar uma "vocação" básica do capitalismo, da força expansiva desse modo de produção e processo civilizatório. Daí o conceito de "destruição criativa", com o qual se taquigrafa uma das principais forças inovadoras desse modo de produção e, simultaneamente, uma das suas contradições mais importantes.

O impulso fundamental que inicia e mantém o movimento da máquina capitalista decorre dos novos bens de consumo, dos novos métodos de produção ou transporte, dos novos mercados, das novas formas de organização industrial que a empresa capitalista cria... A abertura de novos mercados - estrangeiros ou domésticos - e o desenvolvimento organizacional, da oficina artesanal aos conglomerados como a U.S.Steel, ilustram o mesmo processo de mutação industrial... que incessantemente revoluciona a estrutura econômica *a partir de dentro*, incessantemente destruindo a velha, incessantemente criando uma nova. Esse processo de Destruição Criativa é o fato essencial acerca do capitalismo. É nisso que consiste o capitalismo e é aí que têm de viver todas as empresas capitalistas. (SCHUMPETER, 1984, p. 112-3)

A realidade, no entanto, é que o processo de destruição criativa tende a ser criativo para os detentores do poder político-econômico, com repercussões muito diferenciadas e desiguais nos outros setores da sociedade, compreendendo classes sociais, grupos sociais, nações "centrais", "mercados emergentes". Desde os primórdios dos tempos modernos, seja o regime de trabalho escravo vigente sob os diversos colonialismos, seja o regime de trabalho livre, seja na época da máquina a vapor, seja na época das tecnologias eletrônicas, a história social revela a produção e a reprodução contínuas e crescentes de "marginalização", "exclusão", "pobreza", "miséria" ou pauperismo e lumpenização. O desemprego e o sub-

emprego, ou desemprego disfarçado, têm sido algo inerente e essencial à dinâmica do capitalismo.

Nas últimas décadas do século XX, no âmbito de um novo ciclo de globalização do capitalismo, e devido à intensa e generalizada incorporação de tecnologias eletrônicas, o desemprego estrutural tem crescido acentuadamente. São muitos, milhares, milhões os trabalhadores expulsos dos locais de trabalho e os que nem sequer chegam a ingressar nesses locais. O desemprego estrutural, isto é, a expulsão do trabalho por longo tempo, ou mesmo por todo o tempo, revela-se um grave e vasto problema social. Daí a globalização da questão social, o que significa também tensões raciais e de gênero, freqüentemente dinamizadas pela contradição entre força de trabalho e capital.

Em larga medida, o desemprego estrutural pode ser visto como um produto simultaneamente político-econômico e sócio-cultural do processo de destruição criativa. O mesmo processo, considerado essencial à organização e dinâmica do capitalismo, organiza e dinamiza o desemprego não só conjuntural mas também, e principalmente, o estrutural, o que pode envolver a marginalização, a exclusão, a pobreza, a miséria ou novas formas de pauperismo e lumpenização.

Acontece que destruição criativa significa não somente a contínua criação de novos produtos e a contínua inovação tecnológica; significa também a obsolescência programada, a criação de sucata, o abandono de mercadorias, máquinas, equipamentos, técnicas e procedimentos. Nesse sentido é que a destruição criativa é, simultaneamente, um processo de sucateamento contínuo e reiterado. Sucateiam-se mercadorias, máquinas, equipamentos, técnicas e procedimentos, o que significa, inclusive, sucatear mão-de-obra ou força de trabalho. Sucateam-se coisas e procedimentos, juntamente com trabalhadores ativos e de reserva, expulsos dos locais de trabalho ou impedidos de ingressar nesses locais; sendo que esse processo atinge indivíduos e coletividades, em escala nacional e mundial. Nesse sentido é que se pode afirmar que "no

fim do século XX e inícios do século XXI, os computadores estão devorando os homens"²

Enfrentando uma economia altamente competitiva e volátil, muitas empresas estão reduzindo seu núcleo de trabalhadores fixos e contratando temporários, para terem a agilidade de aumentar ou diminuir o número de trabalhadores rapidamente, em resposta às variações sazonais, até mesmo mensais ou semanais do mercado... As empresas também estão reduzindo os encargos trabalhistas, com a contratação de fornecedores externos de bens e serviços, tradicionalmente administrados internamente. A terceirização permite que as empresas ignorem os sindicatos. Muitos dos fornecedores são empresas menores que pagam baixos salários e proporcionam poucos benefícios aos trabalhadores. (RIFKIN, 1995, p. 211-2)

É assim que o novo ciclo de globalização do capitalismo intensifica e generaliza o processo de destruição criativa e desenvolve as condições de globalização da questão social.

Um desempregado, hoje, não é mais objeto de uma marginalização provisória, ocasional, que atinge apenas alguns setores; agora, ele está às voltas com a implosão geral, com um fenômeno comparável à tempestades, ciclones e tornados, que não visam ninguém em particular, mas aos quais ninguém pode resistir. Ele é objeto de uma lógica planetária, que supõe a supressão daquilo que se chama trabalho; vale dizer, empregos. (...) O racismo e a

² Esta pode ser uma paráfrase do pensamento de Thomas More, em *Utopia*, dos inícios do século XVI, quando afirmou que "os carneiros estão devorando os homens", referindo-se à expulsão de trabalhadores rurais das terras comunais, que começaram a ser privatizadas e destinadas a criação de carneiros para a produção de lã, para o nascente capitalismo inglês.

xenofobia exercidos com jovens (ou contra os adultos) de origem estrangeira podem servir para desviar do verdadeiro problema, da miséria e da penúria. Costuma-se limitar a condição de "excluído" a questões de diferenças de cor, nacionalidade, religião, cultura, que não teriam nada a ver com a lei dos mercados. Entretanto, são os pobres, como sempre e desde sempre, que são excluídos. Em massa. (FORRESTER, 1997, p. 11-59)

Dentre os que padecem a violência inerente ao modo pelo qual se organiza e funciona a fábrica da sociedade, encontram-se muito milhares, milhões. Não têm a não ser limitadíssimo acesso aos bens indispensáveis à vida social e à própria vida. A eles destinam-se migalhas. Povoam as grandes cidades, migram em diferentes direções, vagam perdidos por campos e construções, atravessam territórios e fronteiras, continentes. São versões eletrônicas de famélicos da terra, em um planeta em que abunda a riqueza e o desperdício. Sim, são milhões os que padecem a violência com a qual a fábrica da sociedade produz a pobreza, a miséria, a fome. "O número de desnutridos no mundo não diminuiu: hoje, 826 milhões de pessoas ainda passam fome"³

Mais uma vez, está em causa a forma pela qual se realiza, se organiza, funciona e se desenvolve a propriedade privada na sociedade burguesa, capitalista. Em princípio, todos são proprietários, tanto os proprietários do capital como os da força de trabalho: empresários e assalariados. Dentre os que vendem força de trabalho, no entanto, são muitos os que não encontram compradores; condenam-se à inação; são condenados em muitos casos à inanição.

Nesse sentido é que a violência institucionalizada, traduzida em mecanismos de oferta e demanda de trabalho vigilância rigorosa, praticamente militar, nos locais de trabalho vigilância policial

³ "Fome ainda afeta mais de 800 milhões no mundo". *O Estado de São Paulo*, 11 de outubro de 2000, p. A-14, sintetizando "O Estado de Insegurança Alimentar no Mundo", relatório anual da Organização para Agricultura e Alimentação (FAO), divulgado no Dia Mundial da Alimentação.

contínua sobre o desempregado, brutalidade policial relativa aos trabalhador negro, nativo, branco, árabe, asiático ou outro, conforme o país, nesse sentido é que a violência revela-se uma poderosa força produtiva. Sim, ao lado do capital, tecnologia, força de trabalho, divisão do trabalho social, mercado e planejamento, a violência institucionalizada, o Estado como a violência organizada e concentrada da sociedade, revela-se poderosa força produtiva.

Visão Trágica do Mundo

A violência parece um componente insólito e irracional, mas simultaneamente necessário e pragmático, sempre presente no cotidiano das pessoas. Seus agentes, vítimas, espectadores e indiferentes, reais e potenciais, passados e presentes, podem mostrar-se convencidos, alheios, assustados ou enlouquecidos. Uns podem julgar a violência necessária, indispensável, pragmática e inevitável, para que se assegure a lei e a ordem, a ordem e o progresso, a propriedade e a liberdade, o lucro e a moralidade. Ao passo que outros podem julgar a violência insólita, absurda, irracional e imoral, tendo em conta as condições e as possibilidades da democracia e da cidadania, da justiça e da equidade, da razão e da emancipação. Mas todos estão desafiados a reconhecer que as mais diversas formas, técnicas e práticas de violência permeiam cotidianamente a vida das gentes. Esse é um dos fermentes sócio-culturais, objetivos e subjetivos, que povoam o cotidiano de uns e outros, em todas as partes do mundo.

Faz tempo que esse é um enigma para filósofos, cientistas e artistas. Desde os inícios dos tempos modernos, inquietam-se com a freqüente presença ou irrupção das mais surpreendentes formas, técnicas e práticas da violência. São muitos os que se põem esse enigma, buscando seu esclarecimento e, simultaneamente, buscando exorcizá-lo ou sublimá-lo. Reconhecem que a violência é vizinha da loucura, apesar de que, em geral, ela é praticada em nome da razão pragmática, de princípios humanitários. E há os que reconhecem que a violência e a loucura estão embutidas na fábrica

da sociedade, como produtos e condições da organização e do funcionamento dessa mesma fábrica. Seriam produtos e condições excepcionais, com os quais se cria e recria a alienação, em escala individual e coletiva, ainda que em diferentes gradações. Da trama das formas de sociabilidade e dos jogos das forças sociais, nos quais todos se envolvem, todos são levados a envolverem-se, daí nasce o estranhamento; sempre à espreita nas relações sociais, nos mais diversos empreendimentos.

No início tudo estava numa ordem razoável na construção da torre de Babel; talvez a ordem fosse até excessiva, pensava-se demais em sinalizações, intérpretes, alojamentos de trabalhadores e vias de comunicação, como se à frente houvesse séculos de livres possibilidades de trabalho... O essencial do empreendimento todo é a idéia de construir uma torre que alcance o céu. Ao lado dela tudo o mais é secundário. Uma vez apreendida na sua grandeza essa idéia não pode mais desaparecer; enquanto existirem homens, existirá também o forte desejo de construir a torre até o fim... Cada nacionalidade queria ter o alojamento mais bonito; resultaram daí disputas que evoluíram até lutas sangrentas. Essas lutas não cessaram mais... As pessoas porém não ocupavam o tempo apenas com batalhas; nos intervalos embelezava-se a cidade, o que entretanto provocava nova inveja e novas lutas... A isso se acrescentou que já a segunda ou terceira geração reconheceu o sem-sentido da construção da torre do céu, mas já estavam todos muito ligados entre si para abandonarem a cidade. (KAFKA, 1993, p. 5)

Há criações artísticas nas quais se encontra o que há de enigmático e insondável, mas simultaneamente revelador e heurístico na violência; lembrando o que há de absurdo e loucura no que parece ser violência. De repente agentes e vítimas, espectadores e indiferentes revelam-se metidos na mesma voragem. Este pode ser

um dos significados de "O Grito" (1893) desesperado e alucinado que ressoa pelo mundo afora desde o fim do século XIX no quadro pintado por Edvard Munch. Esse, também, pode ser o impacto da fragmentação e da estupefação explodindo do mural "Guernica" (1936) de Pablo Picasso com o qual se assinala o início da Guerra Civil Espanhola, o prelúdio da Segunda Grande Guerra Mundial e um ciclo excepcional da guerra civil mundial que atravessa o século XX. É como se a obra de arte fosse um sismógrafo, uma premonição, desvendando signos, símbolos, metáforas ou alegorias com os quais se desenha o *pathos* escondido na história.

O planeta havia sido dividido em distintos países, cada um provido de lealdades, de estimadas memórias, de um passado sem dúvida heróico, de direitos, de agressões, de uma mitologia peculiar, de proceres de bronze, de datas memoráveis, de demagogos e de símbolos. Esta divisão, apreciada pelos cartógrafos, auspiciava as guerras. (BORGES, 1994, p. 500)

IANNI, Octávio. Violence in contemporary society. **Estudos de Sociologia**, Araraquara, n.12, p. 7-28, 2002.

Referências

BARRACLOUGH, Geoffrey. **Introdução à história contemporânea**. Rio de Janeiro: Zahar, 1976.

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade e holocausto**. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

BORGES, Jorge Luis. **Obras completas**. Buenos Aires: Emecé Editores, 1994.V.3.

BOZAL, Valeriano. Los desastres de la guerra. **In: Goya**. Madrid: Alianza Editorial, 1994.

CROSBY, Alfred W. **Imperialismo ecológico**. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

FOME ainda afeta mais de 800 milhões no mundo. **O Estado de S. Paulo**, São Paulo, 17 out.2000. Caderno A, p.14

FORRESTER, Viviane. **O horror econômico**. São Paulo: Ed. UNESP, 1997.

HOBBSBAWN, Eric. **Era dos extremos: O breve século XX**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

KAFKA, Franz. O brasão da cidade. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 3 jan. 1993. Caderno Mais.

KOLKO, Gabriel. **Century of war: politics, conflict, and society since 1914**. New York: New York Press, 1994.

KRAUS, Karl. Viage anunciado a los infiernos. In: _____. **Escritos**. Madrid: Visor Distribuciones, 1996.

LEVI, Primo. **Os afogados e os sobreviventes**. São Paulo: Paz e Terra, 1990.

MESSENGER, Charles. **The century of Warfare: worldwide conflict from 1900 to the presente day**. London: Harper Collins Publishers, 1995.

MORAES, Vinícius de. **Antologia poética**. 12. ed. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1975.

MORE, Thomas. **Utopia**. Roma: Tascabili Economici Newton, 1994.

MORIN, Edgar ; KERN, Anne B. **Terra-Pátria**. Porto Alegre: Sulina, 1995.

PONTING, Clive. **A green history of the World**. Londres: Penguin Books, 1991.

RIFKIN, Jeremy. **O fim dos empregos**. São Paulo: Makron Books do Brasil, 1995.

ROUSSEAU, Jean Jacques. **Discurso sobre a origem e os fundamentos da desigualdade entre os homens**. Brasília: Universidade de Brasília, 1985.

SCHUMPETER, Joseph A. **Capitalismo, socialismo e democracia**. Rio de Janeiro: Zahar, 1984.

SERRALLER, Francisco Calvo. **El Guernica de Picasso**. Madrid: Alianza, 1985.

STILLMAN, Edmund; PFAFF, William. The politics of hysteria. New York: Harper & Row, 1964.

RESUMO: Uma reflexão acerca das várias dimensões da sociedade moderna ou o que se poderia denominar de modernidade, capazes de constituir formas, técnicas e práticas cada vez mais brutais de violência, desde as mais prosaicas às mais sofisticadas, a ponto de se poder identificar aí uma verdadeira fábrica de violências.

PALAVRAS-CHAVE: Violência; modernidade; globalização; nacionalismo; cultura; tecnologia; desemprego.

ABSTRACT: Some considerations about the many dimensions of modern society, or what we could call modernity, that is able to build forms, techniques and practices of a more and more brutal violence, from the most simple to the most sophisticated, up to the point that we could be able to identify a real industry of violence.

KEYWORDS: Violence; modernity; globalization; nationalism; culture; technology; unemployment.